

PERCEPÇÕES DA FAMÍLIA E DA ESCOLA EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA QUE PRATICAM A DANÇA

Paula Lucion

Mara Rubia Alves da Silva

O presente artigo objetivou analisar as relações entre a Dança e a inclusão escolar de alunos com deficiência física. A pesquisa se caracterizou como qualitativa, tendo entrevista como instrumento de coleta de dados, que foi aplicada a pais/responsáveis de integrantes, matriculados na rede regular de ensino de um projeto de extensão que visa à prática da Dança, e questionário, que foi aplicado a educadores especiais. Posteriormente, os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, sendo perceptível a Dança como favorável no que refere ao desenvolvimento da expressão verbal e corporal, autonomia, motricidade, motivação, interação, imagem corporal, memória, noção sequencial, aspectos que influenciam na inclusão escolar do aluno com deficiência física.

Palavras-chave: Inclusão. Deficiência Física. Dança em Cadeira de Rodas.

Perceptions of family and school in relation to the inclusion of students with physical disabilities practicing dance

The present article aimed to analyze the relationship between Dance and school inclusion of students with physical disability. The research characterized as qualitative, having interview as a tool for data collection, that was applied to parents/guardians of members, enrolled in the regular school system in an extension project that aims to practice Dancing, and questionnaire that was applied to special educators. Subsequently, data were analyzed from the content analysis, being perceived as favorable the Dance with regard to the development of speech and movement, autonomy, fine motor skills, motivation, interaction, body image, memory, sequential notion, and aspects that influence in the school inclusion of student with physical disability.

Keywords: Inclusion. Physical Disability. Dance in Wheelchair.

INTRODUÇÃO

A pessoa com deficiência física, durante muitas décadas, foi confinada a integrar uma parte excluída da sociedade. As barreiras arquitetônicas e, principalmente, as barreiras atitudinais contribuíram significativamente para que ocorresse o isolamento social e educacional.

No entanto, políticas públicas, progressivamente, estão sendo implementadas a fim de garantir direitos a essas pessoas, também, no que refere à escolarização, viabilizando atualmente a inclusão no sistema regular de ensino. Nessa perspectiva, é crescente o número de alunos com deficiência¹ incluídos, frequentando classes regulares, deixando assim de ocupar espaços como escolas e classes especiais.

Destaca-se, porém, que a inclusão não se caracteriza apenas pela presença de alunos com deficiência junto a alunos com ou sem deficiência e em classe regular, mas implica em fornecer meios para que possam participar do proposto, buscando proporcionar uma educação de qualidade para todos.

Neste sentido, compreende-se que a Educação abarca um processo integrado, influenciado por diferentes contextos. No que refere a esse aspecto, a prática da Dança, no espaço escolar ou não, pode se configurar como um fator que influencia no desenvolvimento do aluno com deficiência física. A Dança, segundo Nanni (1995) e Verderi (1999), é um meio que possibilita expressar a corporeidade através do movimento, sendo considerado um elemento de transformação pela humanização do ser.

Assim, torna-se relevante a realização de pesquisas e reflexões quanto ao processo de inclusão e os meios que o influenciam, dentre esses a Dança. Nesta perspectiva, teve-se por objetivo analisar as relações entre a Dança e a inclusão escolar de alunos com deficiência física na percepção da família e da escola.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica compreende a pesquisa qualitativa, pois se estabelece como atividade científica pela qual descobrimos a realidade (DEMO, 2006), caracterizando-se como fenômeno de aproximações sucessivas da realidade, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO, 1993).

Um dos tipos de pesquisa qualitativa, o estudo de caso, também caracteriza a pesquisa, visto que segundo Lüdke e André (1986) deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. Ainda, o estudo de caso é qualificado “pela descoberta, pela interpretação contextual, pela

¹ O Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência definiu, através da portaria 2.344, publicada no mês de novembro de 2010, que o termo correto a ser utilizado para o tratamento de pessoas com necessidades especiais é Pessoa com Deficiência.

multiplicidade dimensional de certo cotidiano, pela recorrência a diversas formas informativas, pela possibilidade de aplicação a certas experiências pessoais do leitor” (COSTAS, 2012, p. 66).

Constituem-se, previamente, como sujeitos de pesquisa, 08 pais/responsáveis de integrantes de um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que estão matriculados na rede regular de ensino, bem como os respectivos educadores especiais de escolas regulares de Santa Maria/RS onde os alunos tenham efetiva matrícula. A delimitação por esses sujeitos de pesquisa deu-se em virtude do projeto ter por objetivo a prática da Dança em cadeira de rodas através de um trabalho interdisciplinar. E, em decorrência de que o os pais/responsáveis tendem a acompanhar o percurso de desenvolvimento, e o educador especial em detrimento de possuir, também, por função estabelecer contato com o professor de classe regular, o que é definido por Bayer (2005) como sistema de bidocência.

Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário aos educadores especiais, em consequência da compreensão de que é um instrumento que “atinge uma população maior; garante o anonimato das respostas; não existe pressão para resposta imediata; e não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistador” (GIL, 1995, p. 14). O questionário aplicado é constituído por questões abertas e fechadas, visto que perguntas fechadas englobam perguntas pontuais e as perguntas abertas proporcionam comentários e esclarecimentos em relação a indagações que requerem maior explicação. A partir das questões buscou-se, essencialmente, identificar as mudanças no desenvolvimento do integrante a partir do momento que integrou o projeto que visa à prática da Dança, as influências positivas e/ou negativas da Dança na atuação do integrante no espaço escolar, bem como se o desenvolvimento da aprendizagem tem contribuição da Dança.

Aos pais/responsáveis dos integrantes do projeto mencionado foi proposta entrevista semi-estruturada, onde “há um roteiro previamente estabelecido, mas também há um espaço para a elucidação de elementos que surgem de forma imprevista ou informações espontâneas dadas pelo entrevistado” (APPOLINÁRIO, 2006, p. 134). Assim, foram feitas interlocuções e novas interrogações a fim obter maiores dados, quando necessário.

Nas entrevistas propostas participam um pai de integrante que possui matrícula no ano de 2013 no 8º ano do Ensino Fundamental e tem acompanhamento de

educadora especial em escola pública municipal de Santa Maria/RS e uma mãe de integrante que tem matrícula no 7º ano do Ensino Fundamental e possui acompanhamento de educadora especial na escola pública estadual de Santa Maria/RS, os quais frequentam semanalmente o espaço de ensaio, bem como se fazem presentes em todas as atividades propostas pelo grupo. Também, uma educadora especial de escola pública municipal de Santa Maria/RS respondeu ao questionário a fim de contribuir com a pesquisa.

Na posse dos questionários e transcrição das entrevistas, a análise dos dados foi realizada com base na apreciação de conteúdo, a qual pode ser entendida como um processo de construção de compreensão que emerge a partir de uma sequência recursiva dos três componentes enunciados por Bardin (2008): 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Enfim, os dados foram analisados segundo o critério de categorização englobado na apreciação de conteúdo, os quais resultaram na organização de meta-textos, fundamentados a partir de estudos bibliográficos acerca do tema da pesquisa, que se constitui em analisar as relações entre a Dança e a inclusão escolar de alunos com deficiência física.

ABORDAGEM TEÓRICA

As pessoas com deficiência já vivenciaram diversos períodos de concepção quanto à diferença, “desde a eliminação, perpassando pela segregação, institucionalização, normalização, setorização, integração e, finalmente, a inclusão e, mais recentemente a Educação Inclusiva” (COSTAS, 2012, p. 8).

Em decorrência desse processo de mudanças, ressalta-se que a matrícula desse alunado no sistema regular de ensino tem aumentado continuamente nos últimos anos, principalmente, em consequência de políticas referentes à sua escolarização. Dados do Censo Escolar (INEP, 2012) demonstram o aumento de matrículas no decorrer de 2007 a 2012 de acordo com a tabela a seguir.

Tabela 1- Dados do Censo Escolar/ Matrículas de Educação Especial

Ano	Total Geral	Classes Especiais e Escolas Exclusivas						Classes Comuns (Alunos Incluídos)					
		Total	Ed. Infantil	Fundamental	Médio	EJA	Ed. Profissional	Total	Ed. Infantil	Fundamental	Médio	EJA	Ed. Profissional
2007	654.606	348.470	64.501	224.350	2.806	49.268	7.545	306.136	24.634	239.506	13.306	28.295	395
2008	695.699	319.924	65.694	202.126	2.768	44.384	4.952	375.775	27.603	297.986	17.344	32.296	546
2009	639.718	252.687	47.748	162.644	1.263	39.913	1.119	387.031	27.031	303.383	21.465	34.434	718
2010	702.603	218.271	35.397	142.866	972	38.353	683	484.332	34.044	380.112	27.695	41.385	1.096
2011	752.305	193.882	23.750	131.836	1.140	36.359	797	558.423	39.367	437.132	33.138	47.425	1.361
2012	820.433	199.656	18.652	124.129	1.090	55.048	737	620.777	40.456	485.965	42.499	50.198	1.659
Δ% 2011/2012	9,1	3,0	-21,5	-5,8	-4,4	51,4	-7,5	11,2	2,8	11,2	28,2	5,8	21,9

Fonte: MEC/Inep/Deed (2012)

No entanto, a inclusão dos alunos com deficiência na rede regular de ensino não consiste apenas no acesso a escola regular e sua permanência junto aos demais alunos; implica a busca de possibilitar o desenvolvimento, respeitando diferenças e atendendo necessidades (GLAT; NOGUEIRA, 2003). Nesta perspectiva, Ropoli et. al. (2010) afirma que a escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas.

Neste sentido, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação e deficiência, sendo que se consideram alunos com deficiência aqueles que têm “impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade” (BRASIL, 2008, p. 14).

No que refere, especificadamente ao aluno com deficiência física, o Decreto nº 3.298 de 1999 da legislação brasileira, no artigo número 4, conceitua:

Deficiência Física – alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as

deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. (BRASIL, 1999, s/p.).

Sendo assim, dentre as pessoas com deficiência física, encontram-se os cadeirantes, ou seja, pessoas com deficiência física que utilizam a cadeira de rodas a fim de se locomover (INFORMAL, 2008).

A inclusão, também, do aluno com deficiência física na rede regular de ensino, a sua atuação no espaço escolar tende a se promover a partir de distintas iniciativas, visto que é influenciado por diferentes contextos além do escolar. Desta forma, a prática da Dança, no meio escolar ou não, pode influenciar no processo de inclusão desse alunado, em seu desenvolvimento.

Bertoni (1992) destaca a Dança como uma linguagem simbólica que utiliza todas as faculdades do ser humano, ou seja, cognitivas, físicas e afetivas. Nesta perspectiva, a Dança se caracteriza como relevante, visto que integra habilidade corporal, conhecimento intelectual e autonomia, além de influenciar no que refere à autoestima e autoimagem (VOLTOLINI, 2010).

Laban (1990) concebe que dentre os objetivos da Dança com relação à Educação, está o de ajudar o ser humano a encontrar uma relação corporal com a totalidade da existência. Em consonância, Marques (2003), considerando a Dança como fundamental à educação, afirma que a linguagem da Dança é uma área privilegiada para que se possa trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade em nossa sociedade.

Neste sentido, destaca-se a modalidade de Dança em Cadeira de Rodas, sendo que de acordo com Ferreira (2006),

Não se pode imaginar a dança em cadeira de rodas, com seus dançarinos que possuem um corpo com deficiência física, sem pensar no seu momento inaugural. Esse momento se deu concomitante com a crise da dança contemporânea dos anos 1990, quando se buscava encontrar um outro modelo de organização dos movimentos corporais. Foi justamente nessa ocasião que as pessoas com deficiência, influenciadas por fatores histórico-político- sociais, também buscavam um outro modelo de vida. Foi nessa configuração histórica que surgiu a dança em cadeira de rodas, e todos os seus fios constitutivos de um novo objeto de estudo. (FERREIRA, 2006, p. 52).

Tolocka e Verlengia (2006) explicam que dançar usando as rodas de uma cadeira para se locomover é uma categórica manifestação de humanidade que pressupõe: a serenidade de entender que, apesar da ocorrência da deficiência,

muito há para ser feito; a lucidez de saber que não é uma condição de deficiência que torna o corpo incapaz de se comunicar; a generosidade de exprimir aos outros a identidade e a diferença encontradas através da expressão do corpo que dança. Deste modo, faz-se “necessário que debates e ações conjuntas possam ser realizados, visando eliminar os estigmas, apontar as potencialidades (...) propor uma nova estética que permita que a diferença seja vista como riqueza e não como problema” (TOLOCKA; VERLENGIA, 2006, p. 12).

ANÁLISE DOS DADOS

O presente segmento apresenta análise dos dados referentes às entrevistas e aos questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa, objetivando, também, realizar uma discussão teórica quanto às informações obtidas. A análise divide-se em três categorias, tendo embasamento nas enunciações quanto ao projeto de extensão e as relações entre a Dança e a inclusão escolar de alunos com deficiência física. As categorias foram definidas em momento posterior a leitura das respostas aos questionamentos pertencentes aos instrumentos de coleta de dados, sendo realizados agrupamentos segundo unidades semelhantes.

O projeto que visa à prática da Dança para pessoas com deficiência física e suas significações

A Dança em Cadeira de Rodas pode possibilitar à pessoa cadeirante, uma liberdade de movimentos, de expressão, onde o corpo é compreendido como um instrumento de percepção e comunicação com o mundo, que propicia resgatar aspectos como liberdade de expressão, criatividade e comunicação (GREGORI, 2004). Nessa perspectiva, é desenvolvido o projeto de extensão que visa à prática de Dança para pessoas com deficiência física, constituído por um grupo de danças, o qual tem por objetivo oportunizar vivências de Dança a crianças, adolescentes e adultos cadeirantes da cidade de Santa Maria/RS e região. As aulas são desenvolvidas, semanalmente, por professores de Educação Física e Educação Especial, e acadêmicos dos cursos de Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Pedagogia, Educação Especial e Educação Física num contexto multidisciplinar, no Ginásio Didático do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFSM,

tendo por princípios a Dança-Terapia (Fux), a Dança-Arte (Dantas) e Dança-Educação (Nanni; Verderi).

Neste sentido, devido, também, a influência de pais/responsáveis, anualmente se inserem novos integrantes cadeirantes ao projeto. E, quando questionados acerca do que os motivou a inscrever o (a) filho (a) no projeto, os pais expressam que:

“Olha na verdade a -- ela ficou sabendo do grupo né daí teve um final de semana que nós deixamos ele em casa e viemos aqui ver o grupo. Daí nos falamos se não me engano até com a mãe da --, a --, e ela, a --: atrás ele aqui pra ver, daí nós começamos a trazê-lo né (..) na verdade para nós foi tentar buscar alguma coisa que favorecesse mais ele entendeu por isso que nos trouxemos ele; soubemos do grupo e por isso que nos o trouxemos aqui.” (Pai)

“(...) ela queria dançar, ela queria dançar, e fora da cadeira de rodas não teria como ela dançar e o único lugar que a gente achou pra ela dançar é o grupo --, sobre rodas (risos).” (Mãe)

Diante das colocações se evidencia a importância do projeto como ambiente de consolidação para realização do dançar a pessoas que não possuem essa oportunidade, muitas vezes, em outros espaços. Também, demonstra-se a busca por proporcionar aos filhos uma melhor qualidade de vida, onde se favoreça o desenvolvimento enquanto um novo integrante. Isso se ratifica com as seguintes explicações:

“(...) tudo que a gente faz é em função dele, entendeu? Assim, de maneira alguma a gente tá reclamando a gente quer sempre o melhor pra ele, entendeu? E digamos trazendo ele no grupo a gente viu que ele melhorou bastante, melhorou comportamento, melhorou modos, de modo geral ele melhorou tudo, entendeu? (..) Então o projeto pra ele, ver essas deficiências dele e das pessoas que tem menos e das pessoas que tem mais pra ele foi muito bom, entendeu? Então fez com que ele se aceitasse mais.” (Pai)

“Pra mim, é a vida da --, é a realização do sonho dela, que foi o único, como é que vou te dizer, como ela queria realizar o sonho, o único jeito dela realizar o sonho dela foi aqui. E acho que não teria lugar melhor né. Acho que em nenhum lugar ela não seria tão bem aceita quanto aqui por que nenhum lugar é preparado para aceitar as crianças especiais.” (Mãe)

A Dança em Cadeira de Rodas permite expressar a diferença de cada um, é privilegiada por buscar a manifestação e afirmação de diferença pessoal (TOLOCKA; VERLENGIA, 2006). Tolocka (2001) explica que a possibilidade de dançar sobre rodas tem contribuído, também, para mudanças sociais, ampliando a

participação de pessoas com deficiência na vida comunitária, mudando o significado que uma cadeira de rodas tem na sociedade. Segundo a autora, a Dança em Cadeira de Rodas também contribui para melhora quanto à qualidade e a funcionalidade dos movimentos remanescentes.

Moreira e Porto (2006) acreditam na Dança como uma das formas de comunicação do ser humano com o mundo, numa relação contínua consigo, com o outro e com o ambiente. A Dança é aceita como linguagem pelo fato de, intrínseca e extrinsecamente, transmitir ideias e valores individuais e coletivos por meio da interação e da intersecção entre todos os seus elementos. Em consonância, Rosa (2004) concebe que:

(...) na Dança, o ser humano autônomo pode transcender a sua condição de corpo oprimido na busca de sair da acomodação para transformação, deslocando-se da ingenuidade para a criticidade e a criatividade. Dançar é a possibilidade de se perceber e viver como corpo, estabelecendo redes de conexões para a conservação ou revolução da concretude histórica do ser humano. (ROSA, 2004, p.58).

Sendo assim, esse processo vem a influenciar, inclusive, na atuação do aluno cadeirante em outros espaços, tais como em classe regular, e conseqüentemente no processo de inclusão escolar. Diante disso a educadora especial afirma que a Dança tem influenciado

“Na sua segurança frente ao desenvolvimento das atividades, na melhor aceitação de sua proposta, na relação favorável com o conhecimento, de possibilidade de aprendizagem, na expressão verbal e corporal, na aceitação de participar de momentos de exposição ao público (integrou a comissão de frente da escola no desfile de 7 de setembro, desfez o laço na inauguração da sala de artes da escola).” (Educadora especial)

Deste modo, com base na enunciação da educadora especial, enfatizam-se as relações que se estabelecem entre a Dança e o desenvolvimento do praticante, na influência que possui quanto à participação do aluno cadeirante nas atividades propostas em escola regular. Neste sentido, se configura como importante, também, refletir acerca de algumas influências nessa perspectiva.

Dança: algumas influências no desenvolvimento do praticante

A Dança é uma atividade motora que pode proporcionar ricas experiências e auxiliar no desenvolvimento humano. A Dança possibilita que o movimento seja

vivenciado de forma objetiva e subjetiva, propiciando ao dançarino uma transformação do seu próprio ato motor; trata-se de uma práxis que proporciona ao ser humano a transformação, consciente e livre, tanto de si mesmo, como do mundo que o rodeia (MANUEL, 1996).

Em consonância, Tavares (2006) concebe que dançando o praticante pode conhecer com mais especificidade seus movimentos. Neste sentido, são expostas as colocações de pais e educadora especial que venham sancionar com esse contexto.

“(...) antes, digamos, em casa, tudo que ele queria e coisa ele pedia. Pai pega isso, mãe pega isso, vó pega isso. Hoje ele ainda faz isso, mas muita coisa a gente diz: ô, tá ali do lado, vai ali pegar, te vira. Às vezes ele fica bravo, mas como ninguém faz ele se obriga a fazer, entendeu? Então, principalmente, essa parte motora dele, o aprender a se virar mais sozinho, sabe, que ele vê que ele tem capacidade, então o projeto influenciou muito isso. Na casa da minha mãe mesmo, tem que sai digamos da sala, entra no corredor e entra no quarto da minha mãe, eu, pra tirar ele, eu ficava na cadeira, agora ele consegue entrar e sair de lá sozinho entendeu. E tudo isso começou, na verdade, depois do projeto. Ele aprendeu a se virar, ele viu que tem capacidade de se virar sozinho, não precisa sempre alguém tá ali monitorando ele, entendeu?” (Pai)

“Em questão de, como é que vou te dizer, de participar mais, mais desenvolvida né, quer participa mais das coisas, tudo né.” (Mãe)

“(...) acreditamos que o projeto contribua para a autoestima do aluno, por estabelecer relações positivas com seu corpo, relações essas que nem sempre são evidenciadas em outras atividades que envolvam o movimento corporal, como algumas atividades de educação física.” (Educadora especial)

Portanto, diante das enunciações, se concebe que a Dança favorece o desenvolvimento da capacidade de autonomia dos praticantes, influenciando positivamente no re (conhecimento) da disposição para realizar diferentes movimentos, em sua participação em diferentes espaços. A Dança caracteriza-se pela expressão rítmica do corpo e do espírito, envolvendo habilidades neuromotoras e psicoativas, possibilitando ao indivíduo comunicar e manifestar-se variada e amplamente, trabalhando aspectos de caráter físico e neurológico (força, equilíbrio, coordenação e ritmo), psicológico (prontidão, coragem, autoestima e segurança) e expressão (Nanni, 1995).

Destaca-se que os diálogos do corpo são compreendidos na Dança, os movimentos não são apenas atividades físicas mecânicas, uma vez que apresentam expressões de linguagem e sentimento, pois quem experimenta este diálogo do

corpo através da Dança “deseja” criar seu próprio espaço de expressão e movimento (VENÂNCIO, 1999). Neste âmbito, questionaram-se os pais e educadora especial acerca das percepções em relação à Dança influenciar na autoimagem do integrante do projeto, e, frente a essa questão, expressam que:

“Ele consegue mostrar que ele não é uma pessoa totalmente incapacitada, que ele pode, que ele tem capacidade, e a dança e o fato de poder se apresentar isso pra ele é uma conquista, com certeza uma conquista para as pessoas verem que não é só uma criança que está ali sentada e não pode fazer nada entendeu, então ele poder se apresentar isso foi uma das melhores coisas que tem acontecido.” (Pai)

“O grupo ajudou muito, só que o problema é as pessoas de fora, até fisioterapeuta que falaram coisa e isso aí tá meio traumatizado com isso né. Acabo meio que ...” (Mãe)

“O aluno, a partir da dança, tem a capacidade de explorar novos movimentos, perceber suas reais possibilidades e limitações, desenvolver a consciência de seu corpo.” (Educadora especial)

Assim, evidencia-se que a Dança tem possibilitado o desenvolvimento da autoimagem, a qual é definida, segundo Tavares (2006), como representação mental do corpo, e o seu desenvolvimento implica dois processos fundamentais: a produção de imagens mentais e a estruturação da identidade do corpo. Segundo a autora,

A construção da imagem corporal de uma pessoa está vinculada à organização de sua identidade corporal. A possibilidade de o indivíduo reconhecer pela vida afora sua presença real e de sentir que é reconhecido e valorizado pela sua singularidade é ponto-chave para a integridade de sua identidade corporal; é ponto de partida para o desenvolvimento de uma imagem corporal integrada e positiva; garante a vivência de sua impulsividade em um contexto prazeroso em que sua energia vital flui nas atividades que realiza. (TAVARES, 2006, p. 83).

Complementando, corrobora salientando que nossos movimentos possibilitam percepções novas e cada movimento nos conduz a referências diversas de nosso corpo, sendo que a pertinência de cada referência à concretude de nosso corpo real é fundamental (TAVARES, 2006, p.6). A experiência do movimento, e principalmente da Dança, leva o ser humano a descobrir-se emocionalmente e, com isso, descobrir a sua imagem corporal também.

No entanto, como referenciado pela mãe, diferentes relações estabelecidas podem interferir, inclusive, “negativamente” na construção da autoimagem. Ressalta-

se que o significado de corpo saudável, estabelecido pelo contexto social e imposto pela mídia, geralmente está relacionando à estética. Porém, como afirma Santos (2003):

Temos o direito de ser iguais quando nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 2003, p. 56).

A Dança, nesse contexto, vem a beneficiar o aluno praticante em diferentes aspectos, inclusive, no meio escolar visto que se configura como uma atividade potencializadora. Sendo assim, torna-se relevante conjecturar com mais especificidade sobre as relações entre a Dança e a inclusão escolar.

Dança: relações com a inclusão escolar

As explanações da educadora especial que atua frente ao integrante do projeto que visa à prática da Dança para pessoas com deficiência física revelam que a Dança tem contribuído no ambiente escolar,

“tanto pelas habilidades que são desenvolvidas através da dança e que poderão contribuir para que em sala de aula o aluno tenha ampliado as condições de aprender os conteúdos, quanto pela contribuição na sua autoestima, aspecto esse que favorece a sua relação com os professores e colegas, seja em momentos informais, quanto formais de aprendizagem.” (Educadora Especial).

Sendo assim, diante da enunciação se revela as contribuições no que refere, também, a relações estabelecidas com professores e colegas. Esse aspecto foi mencionado pelos pais quando expressam que a Dança tem influenciado no desempenho de seu/sua filho (a):

“(...) principalmente, convívio com as pessoas, entendeu. Só que ele ainda, ele sempre foi uma criança muito reservada sabe, digamos assim, se as pessoas chegarem e ficarem bajulando ele, digamos assim, ele adora entendeu. Só que ele tem muito assim, ele é muito autoritário, digamos assim, ele gosta muito de comandar as coisas entendeu. Então, na dança, ele vendo aqui que ele não pode fazer praticamente isso só como ele quer, ele tem que seguir regras, como em casa também faço que siga regras. Então pra ele acho que foi muito bom entendeu, nessa parte.” (Pai)

“Ela ficou mais ativa (...). Ficou bem mais interativa que se diz né.” (Mãe)

Nanni (2003) relata que o ensino da dança trabalha aspectos como a organização, disciplinando e dando responsabilidade ao praticante. Assim, com base nas declarações dos pais percebe-se que a Dança proporciona a conscientização de responsabilidades, o desenvolvimento social, maior interação e melhor relacionamento entre o praticante e outras pessoas. Neste sentido, Barreto (2004, p. 101) concebe que a Dança é uma possibilidade de “expressão e também de comunicação humana que, através de diálogos corporais e verbais, viabiliza o autoconhecimento, os conhecimentos sobre os outros, a expressão individual e coletiva e a comunicação entre as pessoas”.

No processo de ensino e aprendizagem as relações estabelecidas, as interações positivas, tendem a possibilitar maior sucesso quanto ao desempenho do aluno, sendo uma ótima oportunidade para se desenvolver aprendendo com o outro. Segundo Pinto (1994), esta partilha, permite aos estudantes, maior autonomia na organização do seu trabalho e na construção das aprendizagens, além de desenvolver os mecanismos de autocorreção, bem como, os mecanismos entre ajuda e partilha de saberes. Além do destacado, a educadora especial salienta outros aspectos que a Dança tem contribuído e que também busca enfatizar no desenvolvimento de seu trabalho pedagógico: “Acredito que em habilidades do desenvolvimento, as quais eu enfoco no trabalho com o aluno: psicomotricidade, memória, noção sequencial, organização do espaço e do pensamento (...)” (Educadora especial).

Como ressalta Todaro (2001), a Dança, além de exercitar o corpo, a agilidade, a coordenação motora e o equilíbrio, também exercita a mente, a atenção, a concentração e a memória. Diminui o estresse e a ansiedade, além de melhorar a autoestima, pois ajuda na percepção positiva do corpo. Furlan et. al (2008), salienta que a Dança utiliza diferentes faculdades do ser humano, pois desenvolve as relações sociais através do trabalho em grupo, permite grande desenvolvimento da expressão corporal, da criatividade, da desinibição e do autoconhecimento, e ainda possibilita a experimentação dos mais variados movimentos corporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da análise dos dados, os sujeitos da pesquisa deixaram explícito em suas colocações, que concebem a Dança como favorável no que refere ao desenvolvimento da expressão verbal e corporal, autonomia, motricidade, motivação, interação, imagem corporal, memória, noção sequencial, aspectos que influenciam na inclusão escolar do aluno com deficiência física. Sendo assim, são perceptíveis as diferentes relações positivas que se estabelecem entre a Dança e a inclusão escolar de alunos com deficiência física, e suas significativas contribuições que refletem na atuação/participação do praticante.

É importante ressaltar, que além das declarações mencionadas nas categorias de análise, os sujeitos da pesquisa referenciaram fragmentos, os quais não se constituíram como elementos de análise no estudo, mas se estabelecem como aspectos significativos para a realização de outros estudos/pesquisas: relações que se instituem entre o praticante de Dança e o contexto social, as apresentações/espetáculos como cenário de constituição e desenvolvimento humano.

Também, destaca-se a necessidade e a importância de espaços, principalmente, no ambiente escolar que visem proporcionar a Dança, também, a pessoas com deficiência física, tal como o projeto de extensão da UFSM que visa à prática da Dança para pessoas com deficiência física. E, dessa forma, oportunizar o desenvolvimento de diferentes faculdades do ser humano (físicas, cognitivas,...), o que tende influenciar inclusive no processo de inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thompson, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARRETO, D. **Dança**: ensino, sentidos e possibilidades na escola. Campinas: Autores Associados, 2004.

BAYER, H. O. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

BERTONI, Í. G. **A dança e a evolução**: o ballet e seu contexto histórico. São Paulo: Tanz do Brasil, 1992.

BRASIL. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 3.298 de 20 de dezembro de 1999**. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1999/3298.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

COSTAS, F. A. T. **Formação de conceitos em crianças com necessidades educacionais especiais**: contribuições da teoria histórico-cultural. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

DEMO, P. **Princípio científico e educativo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Dicionário Informal. 2008. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/cadeirante/3054/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

FERREIRA, E. L. A diversidade corporal por meio da Dança. In.: TOLOCKA, R. T.; VERLENGIA, R. (org.). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FURLAN, S.; MOREIRA, V. A. V.; RODRIGUES, G. M. Esquema corporal em indivíduos com síndrome de down: uma análise através da dança. **Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.7., n. 3., p. 235-243, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. de L. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. **Comunicação**, Piracicaba, ano 10, nº 1, Junho 2003.

GREGORI, A. M. **Dança desenvolve auto-estima em crianças**. Mar. 2004. Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/noticia.php?it=4859>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo Técnico**: Censo Escolar 2012. Brasília: O Instituto, 2012.

LABAN, R. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANUEL, S. **Motricidade humana**: contribuições para um paradigma emergente. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MARQUES, I. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2.ed. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1993.

MOREIRA, W. W.; PORTO, E. R. P. Diversidade humana: a corporeidade em movimento na dança. In.: TOLOCKA, R. T.; VERLENGIA, R. (org.). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

NANNI, D. **Ensino da dança**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

_____. **Dança e educação**: pré-escola à universidade. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

PINTO, G. A. C. **O educador e o educando**. Porto Alegre: Mimeo, 1994.

ROPOLI, E. A. Et. Al. **A Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**: a escola comum inclusiva. Brasília: MEC, SEE: Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

ROSA, J. **A corporeidade na dança**: revelações de corpos dançantes na cidade de Aracaju. 2004. Dissertação de mestrado – Unimep, Piracicaba, 2004.

SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar**: Os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TAVARES, M. da C. G. C. F. A diversidade das imagens corporais e dos movimentos. In.: TOLOCKA, R. T.; VERLENGIA, R. (org.). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

TODARO, M. A. **Dança**: uma interação entre o corpo e a alma dos idosos. 2001. 104 p. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.

TOLOCKA, R. T.; VERLENGIA, R. (org.). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

TOLOCKA, R. R. Dançar em cadeira de rodas: muito mais que “dançar com o que sobrou”. In.: Ferreira, E. L. (Org.) **Interfaces da dança para pessoas com deficiência**. Campinas: CBDCCR, 2001.

VERDERI, E. **Encantando a Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

VOLTOLINI, P. F. de L.. Dançando com as diferenças. Mar. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/dancando-as-diferencas/34319/>>. Acesso em: 10 out. 2013.